

## De volta à terra: viagens desaceleradas a pé, de burro e de trotinete

**Mário Matos**

*Universidade do Minho - ILCH/CEHUM*

**Resumo:** A globalização e a massificação do turismo despoletaram um fenómeno que Siegfried Kracauer, já nos anos vinte do século passado, denominava de relativização do exótico e do autêntico. Com o progressivo encolhimento do mundo por via dos meios de transporte aéreos e dos média telemáticos tem-se assistido a uma re-perspetivação e re-localização do outro e do próprio, do longe e do próximo, do global e do local, processo esse que se sintetiza no conceito de “glocalização”. Esta dialética manifesta-se também, como não poderia deixar de ser, ao nível das práticas socioculturais da viagem e, por conseguinte, nas suas multifacetadas formas de representação e mediação, entre as quais se destaca tradicionalmente a literatura de viagens. Na comunicação pretende-se abordar esse fenómeno com base numa análise comparativa de diversos exemplos de relatos de viagens contemporâneos que, numa espécie de discurso auto-etnográfico, narram périplos à descoberta do exótico pelas estradas intranacionais dos países de residência dos respetivos viajantes-narradores.

**Palavras-chave:** glocalização, relatos de viagens, Siegfried Kracauer

### 1. *Hipermobilidade e desaceleração*

Em 1925, o sociólogo, filósofo e crítico dos média Siegfried Kracauer publicava no *Frankfurter Zeitung* um importante ensaio sobre o ímpeto coletivo da viagem interpretando-o como um fenómeno sociocultural deveras característico dos tempos modernos. Nesse artigo dedicado ao "culto do movimento" (Kracauer 1977: 41), culto esse

que nos "loucos anos vinte" se manifestaria, segundo o autor alemão, não só na avidez pela viagem, mas também pela dança e na atração pela velocidade, designadamente pelos veículos e desportos motorizados, o astuto observador da cultura da época faz a seguinte afirmação:

Quanto mais o mundo vai encolhendo graças ao automóvel, ao filme e à aeronave, tanto mais se relativiza naturalmente o conceito do exótico. (...) Esta relativização do exótico anda de mãos dadas com a sua expulsão da realidade – de modo que, mais cedo ou mais tarde, os espíritos mais românticos irão ter de sugerir a instalação de parques naturais cercados, de fabulosas áreas vedadas nas quais se poderá ansiar por experiências que neste momento já nem sequer Calcutá nos consegue proporcionar. Esses tempos estão próximos. Devido às comodidades civilizacionais, já hoje apenas um ínfima parte da superfície do globo ainda se mantém *terra incognita*; os seres humanos sentem-se em casa tanto na sua terra natal como algures noutra lugar ou também não se sentem em casa em nenhum lugar. (*Idem*: 40s)<sup>1</sup>

O progressivo "encolhimento do mundo", o mesmo é dizer, a compressão do espaço e do tempo induzida quer pela aceleração dos meios de transporte, sobretudo os aéreos, quer pelos meios de comunicação telemáticos, como o eram, na época, o telefone, a rádio e o cinema, assim como o surgimento de espaços de lazer sintéticos, isto é, a construção de simulacros de paisagens geograficamente distantes e culturas historicamente remotas que implicam uma "relativização do exótico": todas estas tendências diagnosticadas por Kracauer na década de 1920 antecipam um complexo fenómeno que se iria de facto intensificar durante a segunda metade do século XX, designadamente a inextrincável relação entre uma crescente mobilidade, por um lado, e uma progressiva "desrealização" ou "desmaterialização" do mundo, por outro. Este processo costuma ser hoje sintetizado no conceito deveras generalista e redutor de *globalização*, no qual se costuma subsumir de forma algo simplista toda uma complexidade dialética que lhe é inerente.

Na verdade, quer o aumento exponencial da mobilidade física e medial quer a vertiginosa aceleração do ritmo de vida que se verificaram já depois dos "loucos anos vinte", a que se referem as supramencionadas observações de Kracauer, iria culminar na atual *hipermobilidade* que, paradoxalmente, caracteriza, segundo Paul Virilio, a nossa "era

da imobilidade e da inércia domiciliária" em que "a chegada generalizada das imagens, da informação, (...) substitui (...) as nossas deslocações contínuas" (Virilio 1993: 39s). Na perspectiva deste filósofo francês, esta evolução significa, em última instância, a "liquidação da viagem" (*idem* 2000: 38s.).

Se bem que não partilhe desta visão radical ou mesmo apocalíptica assente numa crónica anunciação do fim da viagem, é inquestionável que este acesso tendencialmente generalizado à experiência – seja ela cinética ou virtual, analógica ou digital – de realidades outrora longínquas resulta numa certa banalização da viagem. Ou melhor, para sermos mais precisos, o referido desenvolvimento conduziu a um determinado *discurso* quer literário quer teórico que, definindo a viagem como o meio por excelência da experiência pretensamente autêntica e genuína de realidades exóticas, a considera agora, face à homogeneização ou "McDonaldização" (George Ritzner) do mundo, em perigo de ser esvaziada de sua função.

Curiosamente, este suposto apagamento da diferença, do particular e do local em detrimento do uniforme, universal e global, causado pela multifacetada e multicausal hiper-mobilidade, nas últimas décadas, tem alimentado sobremaneira tanto a gigantesca máquina industrial do turismo mundial como o crescente coro dos movimentos (globais) da antiglobalização. Na verdade, conforme afirma Roland Robertson no seu já clássico ensaio de 1995 com o título programático "Glocalization: Time-Space and Homogeneity – Heterogeneity", em que critica as redutoras visões dicotómicas que informam os atuais discursos sobre o processo deveras complexo da globalização, os próprios movimentos que condenam essa pretensa homogeneização inserem-se numa narrativa cunhada pelo paradigma da nostalgia do autêntico que tem nutrido tanto as poderosas estratégias económicas do mundo ocidental como aquelas que as criticam veementemente. Robertson (1995: 35) considera por isso que esses movimentos anti-globalização estão profundamente imbuídos de "something like an «ideology of home»" (*ibidem*) que, por sua vez, assenta na asserção, constantemente repetida e globalmente difundida, de que hoje vivemos numa alegada "condition of homelessness or rootlessness" (*ibidem*), caindo-se assim na falácia de que antigamente a maioria da população mundial teria vivido em locais

supostamente seguros e homogênicos, em plena harmonia consigo e com o mundo que as rodeava.

Mas independentemente de se ter uma posição mais apologética ou mais cética e crítica em relação ao intrincado fenómeno da chamada globalização, de se ver apenas a sua vertente hegemónica e homogeneizante ou se considerar também a complementaridade e reciprocidade entre as dimensões do local e do global que lhe subjazem, facto é que esse processo em curso tem as mais variadas implicações para os sentimentos e discursos de identidade, quer dos indivíduos quer dos coletivos, obrigando nomeadamente a uma *re-perspetivação* e *re-localização* do próprio e do outro, do próximo e do longe, do particular e do universal. Esta dialética, que a meu ver se exprime melhor no conceito de "glocalização" proposto por Robertson do que no conceito mais genérico de "globalização" ou "mundialização", manifesta-se também, como não poderia deixar de ser, ao nível das práticas socioculturais da viagem e, por conseguinte, nas suas multifacetadas formas de representação e mediação, entre as quais se destaca tradicionalmente a literatura de viagens.

É neste contexto e à luz desta complexa dialética que de seguida me debruçarei sucintamente sobre três relatos de viagens contemporâneos de autores alemães que, numa espécie de discurso auto-etnográfico, narram périplos à descoberta do exótico dentro dos confins nacionais. Entre muitos outros exemplos possíveis do que em inglês se costuma chamar de *home tours*<sup>2</sup>, optei por três livros em que se encenam, cada um à sua maneira, viagens por assim dizer contra a corrente dos nossos tempos da hipermobilidade e da aceleração, viagens de certo modo picarescas em que, descendo-se dos céus e do ciberespaço, se volta à terra para explorar num microcosmos, isto é, basicamente dentro da cultura nacional da Alemanha, os sinais duma contemporaneidade em que coexistem e se complementam o passado e o presente, o local e o global.

## 2. *A pé*

Em 2005, o jornalista alemão Wolfgang Büscher, que dois anos antes já adquirira notoriedade com o seu relato de viagem *Berlin – Moskau. Eine Reise zu Fuß* [Berlim –

Moscovo. Uma viagem a pé], publicou o seu segundo livro com o título *Deutschland, eine Reise* [Alemanha, uma viagem], que rapidamente contou com diversas reedições transformando-se num *bestseller*.<sup>3</sup> Este sucesso ter-se-á devido a diversos fatores. Em primeiro lugar, porque foi ao encontro dum determinado gosto epocal, inserindo-se no que podemos chamar dum pequeno *boom* de viagens domésticas alemãs que ocorreu no início do novo milénio, altura em que vieram a lume diversas "viagens alemã" encetadas e narradas por alemães, como é o caso de *Deutschlandreise* (2002) [Viagem na Alemanha] do conhecido jornalista televisivo Roger Willemsen ou, um ano depois da publicação de Büscher, do relato de Jan Weiler *In meinem kleinen Land* (2006) [No meu pequeno país]. Se esta moda ou gosto terá a ver com a necessidade de o público alemão, sensivelmente passada uma década sobre a reunificação, ter então sentido a necessidade de fazer uma espécie de balanço da evolução duma nova Alemanha, no intuito de se verificar o estado de cicatrização da velha ferida alemã, é uma tese difícil de comprovar e não é esse aqui o meu intuito, mas terá uma certa plausibilidade. Certo é que as impressões do Leste alemão, ou seja, do território da antiga RDA, ocupam em todos estes relatos, e portanto também no de Büscher, um lugar de realce.

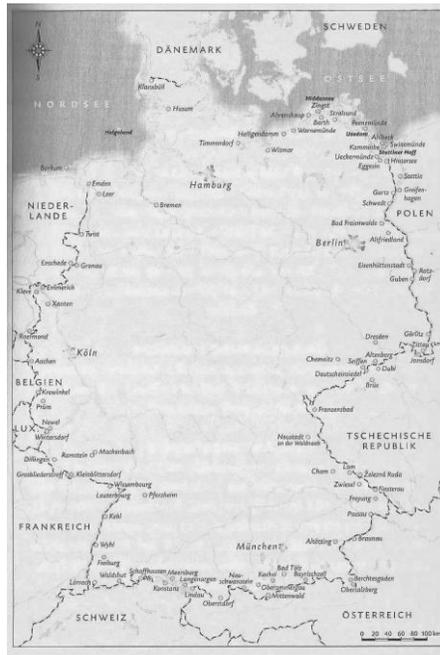
Uma segunda explicação para o sucesso deste autor reside na sua inquestionável qualidade literária, que denota claras reminiscências dos famosos *Reisebilder* de Henrich Heine que remontam à primeira metade do longínquo século XIX. Tal como nos textos de viagem desse poeta pós-romântico, a narrativa do viajante-narrador Büscher recorre à mistura duma escrita vincadamente subjetivista e ensimesmada, eivada de impressões, memórias individuais e sonhos, em que acontecem a miúdo momentos de epifania, com um estilo narrativo mais característico da reportagem social assente na observação muito detalhada e perspicaz das multiformes paisagens naturais, humanas e culturais com que vai deparando e decifrando durante o seu périplo pela Alemanha.

Pelos locais onde vai passando, defronta-se frequentemente com resquícios muito diversos da época do nazismo – e não será por acaso que o capítulo sobre o campo de concentração Flossenbürg (Büscher 2005: 120-134), menos famoso e conhecido do que outros, é o mais longo de todo o relato. A sua viagem passa também pelo famoso retiro

alpino de Hitler em Obersalzberg, perto de Berchtesgaden, "local curioso" (*idem*, 165), que se transformou num *ex libris* turístico para "muitos que vinham de muito longe, da América, do Japão, da Austrália" (*ibidem*) e aos quais o viajante-narrador alemão apela a que levem esse "H. de Braunau consigo como *souvenir*" (*idem*, 166), o que seria "uma boa maneira, ou talvez mesmo a única" de os alemães e austríacos "verem pelas costas" essa tenebrosa figura que povoa as suas memórias coletivas. Essas memórias do (não tão) longínquo passado do nacional-socialismo e da Segunda Guerra Mundial, como, por exemplo, a lembrança do polémico – porque em termos de estratégia militar absolutamente desnecessário – bombardeamento maciço da cidade de Dresden ordenada por um general norte-americano, que ficaria conhecido entre os alemães pela alcunha de "Harris o bombardeiro", já no final da guerra, revelam-se ao viajante quer como cicatrizes ainda visivelmente inscritas na paisagem arquitetónica, quer sob a forma de histórias que lhe são contadas, quase sempre nos cafés e tascos das aldeias e dos bairros urbanos, onde é muitas as vezes o último cliente que fica a tagarelar com o dono ou o servente. Como se afirma a páginas tantas, essas "histórias (e historietas) (...) [que nos] esperam junto à estrada e nas aldeias, (...) repletas de lendas e relíquias" (*idem*, 248), não só dizem respeito a memórias pessoalmente vividas pelos seus contadores como dão expressão às mais variadas fábulas de tempos muito remotos. Sem que o narrador o explicita em qualquer lugar do seu relato, muitas dessas passagens em que o viandante ouve atentamente as narrativas dos locais invoca um cenário que nos faz lembrar aqueles construídos pelos Irmãos Grimm como atentos antropólogos ou etnólogos, minuciosos colecionadores de contos populares há duzentos anos atrás. As longas e repetidas descrições das paisagens e dos caminhos florestais, que a figura do viajante encenada por Wolfgang Büscher prefere às estradas em asfalto, complementam o quadro idílico de parte das regiões percorridas a pé. Porém, num constante jogo dialético, estas imagens melancólicas dum mundo semi-fantástico contrastam a miúdo com paisagens sociais, de certo modo fantasmagóricas, povoadas por personagens sinistras cujas histórias individuais refletem também a história coletiva dos alemães. Entre inúmeros exemplos possíveis de figuras socialmente marginalizadas com quem o viandante tem oportunidade de conversar, quase sempre nos referidos cafés e

tascos, pode-se destacar a dum antigo árbitro profissional da primeira liga de futebol que lhe conta a sua dupla caída em desgraça que teria sido causada, por um lado, pela extinção da RDA, onde ele era uma vedeta da arbitragem, e, por outro, por um acidente de viação que o erradicaria para sempre do mundo do futebol e para o desemprego de longa duração. Amargura de vida essa, que ele afogava diariamente na taberna da aldeia.

Uma outra peculiaridade desta narrativa de viagem de Büscher reside no facto do seu itinerário, percorrido durante cerca de três meses, seguir sempre ao longo dos mais de dois mil quilómetros das fronteiras terrestres, fluviais e marítimas da Alemanha. Alternando entre o lado alemão e, respetivamente, no sentido do ponteiro do relógio, o holandês, polaco, checo, austríaco, suíço, francês, luxemburguês e belga, a figura do viajante executa portanto um trajeto literalmente *nas* fronteiras, nas franjas, ou seja, numa zona movediça que lhe parece ser a forma mais adequada de circunscrever e descrever o que tradicionalmente se designa por "núcleo" ou "essência" do país percorrido. Estamos aqui portanto perante um movimento centrífuga e não centrípeta, que em última instância simboliza a destabilização ou deslocalização da tradicional dicotomia etnocêntrica de centro/periferia.



Mapa do itinerário de Wolfgang Büscher (2005: 5)

Esta viagem circular, feita quase sempre a pé, ainda que aqui e acolá se tenha recorrido aos transportes públicos terrestres e fluviais, inicia-se e termina, caracteristicamente, com um mergulho do protagonista no Reno, rio que, por um lado, representa ao nível coletivo a ancestral fronteira entre a civilização latino-romana e a germânica e, por outro, funciona como metáfora fluída tanto para um "inner flow of consciousness" do sujeito-viajante como para o ato de catarse terapêutico que este périplo, feito ao mesmo tempo, pelo passado e presente do seu país e da sua própria vida, pelos seus "fantasmas de juventude", a que por diversas vezes se refere, lhe terá proporcionado: "Debrucei-me sobre as águas [do Reno] e nelas mergulhei a minha cabeça, e, quando a retirei, tive a sensação de ter estado muito longe e de que tudo o que tinha acontecido tinha sucedido num único segundo" (*idem*: 250).

### 3. *De burro*

A segunda "home tour" aqui abordada refere-se igualmente a uma "viagem alemã feita por um alemão". No entanto, difere da de Büscher a vários níveis, não só no que diz respeito ao estilo narrativo, que é muito menos poético, denso e místico, podendo ser considerado pícaro e satírico, como também em relação ao trajeto percorrido e ao próprio meio de locomoção. Em *Mein Esel Bella oder Wie ich durch Deutschland zog* [O meu burro Bella ou Como eu vagueei pela Alemanha], relato de viagem publicado em 2002, Lorenz Schröter, que poderá ser considerado um verdadeiro "trota-mundos" (*globetrotter*) que anteriormente já dera a volta ao globo em bicicleta e morou durante vários anos numa ilha quase deserta perto de Hong Kong, percorre a mais profunda província alemã, no seu eixo central, de ocidente para leste, recorrendo-se para tal dum meio de transporte que no mundo dito civilizado adquiriu hoje inquestionavelmente uma aura do exótico: um burro ou melhor uma burra chamada Bella, duma raça francesa em perigo de extinção, tal como aliás o burro ibérico.

O tenor humorístico deste relato revela-se logo na descrição da partida: "À saída da aldeia de Horbruch (...) encontro-me de repente no caminho agrícola, e a viagem começou. Um pequeno passo para a humanidade. E também para mim" (Schröter 2002: 7). Mas

Schröter não só faz repetidas alusões (cômicas) ao imaginário coletivo do século XX, como essa brincadeira com a famosa frase de Armstrong ao pisar a lua ou a evocação de cenas e personagens dos romances de aventura do famoso escritor alemão Karl May e das suas popularíssimas adaptações cinematográficas dos heróis Winnitou e Old Shatterhand, como cita o mundialmente famoso escritor Robert Louis Stevenson, autor de obras como *A Ilha do Tesouro* e *O Dr. Jekyll e o Sr. Hide*, assim como *Tom Sawyer* e *Huckleberry Finn* de Mark Twain, livros que, desde o século XIX, encantaram e cunharam os imaginários coletivos de sucessivas gerações de viajantes de poltrona.

A par desta prática intertextual, ora mais ora menos camuflada, e dirigindo-se aos leitores menos atentos ou menos versados no género da literatura de viagens, Schröter (*idem*: 141s) confessa explicitamente no final da sua peculiar aventura que se tinha inspirado no modelo fornecido por Stevenson, pois este também fizera, em 1879, uma travessia a burro numa província francesa sobre a qual publicaria no ano seguinte o belo livro com o título *Travels with a Donkey in the Cévennes*. Para além de este curioso relato de viagem ser considerado na história da literatura inglesa um pioneiro da chamada *outdoor literature*, refira-se também, a título dum mera curiosidade e ainda que Schröter não o mencione no seu relato, que durante essa expedição a burro Stevenson inventou também o "saco-cama", como se pode ver no desenho do frontispício da 1ª edição.



Frontispício da primeira edição do livro de viagens de L. R. Stevenson *Travels with a Donkey in the Cévennes*

Ao longo dos setecentos quilómetros feitos durante mais ou menos quatro semanas – também estes, tal como no caso de Büscher, percorridos sempre que possível por caminhos campestres e florestais e mais a pé do que montando o burro lento e casmurro – são muitos os episódios hilariantes, sobretudo as descrições das mais estranhas reações de espanto por parte dos pequeno-burgueses alemães perante a curiosíssima parilha de viajantes que é "fotografada e filmada mil vezes" (*idem*: 29).

Apesar do viajante-narrador afirmar que o objetivo do seu périplo não é de forma alguma o duma "autorrealização", porque "esta palavra fede a tudo que odei[a]" (*idem*: 42), facto é que a narrativa do seu empreendimento sugere repetidamente tratar-se duma viagem deveras narcísica. Ao contrário do livro de Büscher, em que as vozes e histórias individuais de pessoas com quem o narrador vai contactando desempenham, como vimos, um papel bastante importante da experiência e representação da viagem, no caso de Schröter a paisagem humana é, de forma bastante redutora e caricata, apresentada quase sempre como um "idílio pequeno-burguês" (*idem*: 25, 121) do qual foge a sete pés. A parilha viandante refugia-se, sempre que possível, na floresta, onde o burro Bella e o narrador se remetem aos seus respetivos "redutos interiores deixando o mundo tanto quanto possível no exterior" (*idem*: 97). A floresta "atrai[-o] de modo irresistível" (*idem*: 61) e, a páginas tantas, afirma:

A floresta recebe-me como um bom, velho amigo. Nós os dois, a floresta e eu, desenvolvemos uma relação recíproca muito especial. Eu amo-a e ela trai-me repetidamente. Muitas são as vezes que me confunde [na orientação geográfica], mas ela atrai-me sempre de novo. Ela é tão calma, tão protetora. (*idem*: 79)

Não obstante o seu tom genericamente humorístico e irónico, a narrativa picaresca de Schröter também contém passagens de índole mais reflexiva, por exemplo, quando, em situações de maior desconforto físico e mental, de cansaço, frio, fome e solidão, o viajante se confronta a si mesmo com

(...) a ancestral pergunta: Porque fazes isto? Segue-se a resposta standard: Para ficar a conhecer os meus limites. (...) Mas eu não sou um desportista radical. (...) Não, não; tenho toda a certeza que não

quero ficar a conhecer os meus limites. O móbil são as vivências duma viagem. Quando alguém tenciona ver o Rio de Janeiro, entra num avião e vinte horas depois está lá. Depois regressa-se e viu-se o Rio. (...) Isso não tem nada ver com uma viagem, com a experiência vivida da movimentação. Quem vai de carro ou de automóvel, vê a paisagem passar-lhe tão cansativamente ao lado como se num sonho estivesse a cair num poço muito fundo e à sua volta cintilasse a realidade circundante; a velocidade transforma a paisagem num papel de parede. Experimentar o mundo por via dum burro é um novo meio. Como se se estivesse a olhar através dum vidro colorido. (*idem*: 41)

Noutra passagem do relato, a resposta à mesma pergunta do porquê se expor a tamanha maçada é mais prosaica:

Bem. Se se quiser ficar a conhecer a Alemanha como ainda não se conhece, tem-se de ser lento, muito lento. Antigamente os peregrinos colocavam ervilhas duras nos seus sapatos, e eu pus-me a caminho com o burro. (*idem*: 83)

O narrador-viajante está notoriamente mais preocupado em perceber como o peculiar *modus* do seu périplo determina a sua perceção pessoal da realidade que o rodeia do que em descrevê-la em si mesma. O epicentro da sua narrativa é constituído pela transposição das suas fronteiras interiores, e não tanto das geográficas, conforme é sugerido na seguinte passagem:

Ao transpor o rio Reno, transpus também uma outra fronteira. Estou a transformar-me num caminhante que já não conhece nem terças-feiras nem quintas-feiras. Os dias de semana esvanecem-se. Quando de manhã me ponho a caminho (...), o dia anterior já está infinitamente distante, é um mundo finito. E cada dia desta caminhada adquire a sua singularidade. Numa caminhada contínua, emergem vivências e imagens singulares que se manterão em mim até ao fim da minha vida. Cruzamentos de caminhos e estradas, cadeias de montanhas, a floresta.(...) Ao caminhar, as pequenas metas tornam-se, durante algumas horas, infinitamente importantes.

Tudo o que anseio é chegar finalmente [a determinada povoação]. Nos bons mapas de escala 1:5000, essas povoações minúsculas transformam-se numa grandeza imponente. (*idem*: 37s)

Em suma, o interesse principal da viagem não é portanto o *que* se vivencia, mas o *como*, o modo, o ponto de vista e o meio pelos quais se experiencia determinado espaço

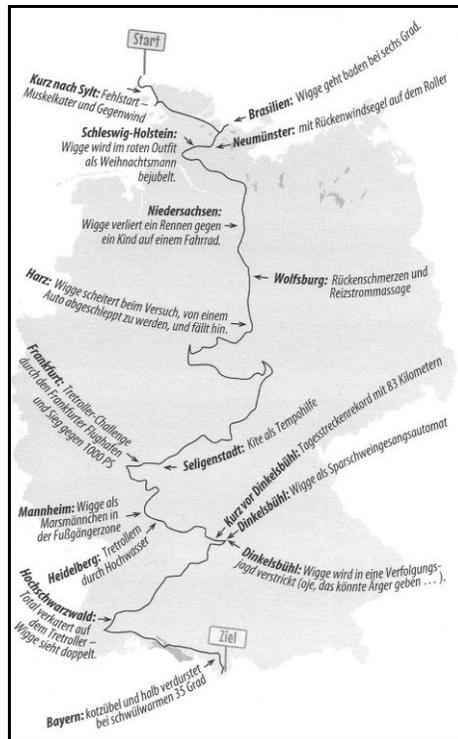
natural e/ou cultural. Estamos aqui perante uma mudança de paradigma do *substancial* para o *processual*, do *extensivo* para o *intensivo*, que subjaz não só às viagens relatadas por Büscher e Schröter, mas à maioria deste género de périplos que poderíamos denominar de viagens em "slow motion with lots of emotion" consubstanciando, tal como o popularíssimo romance de viagem do alemão Sten Nadolny, de 1983, com o título emblemático *Die Entdeckung der Langsamkeit*, um enfático elogio da lentidão.

#### 4. *De trotinete*

De índole menos filosófica ou existencialista, mas nem por isso menos peculiar, é a viagem do ponto mais setentrional ao mais meridional da Alemanha encetada por Michael Wigge na primavera e verão de 2013. Nascido em 1976, o repórter, apresentador e humorista televisivo adquiriu notoriedade, não só junto do público alemão mas também a nível internacional, sobretudo devido a dois projetos de viagem muito singulares cujas descrições viriam a ser publicadas sob a forma de livro, de *blog* e de séries de TV.<sup>4</sup> Em 2009 fez uma viagem de 35 mil quilómetros, desde a Alemanha, passando pela América do Norte e do Sul até à Antártida, cujo sensacionalismo consistiu em tê-la feito sem dinheiro. No ano seguinte, as experiências da sua "volta ao mundo à borla" foram originalmente narradas e publicadas em alemão, quer em livro, sob o título *Ohne Geld bis ans Ende der Welt. Eine Abenteuerreise* (2010) [Sem dinheiro até ao fim do mundo. Uma viagem de aventuras], quer no formato audiovisual numa série de reportagens emitida por cabo no canal televisivo *ZDFneo*. Em 2011, Wigge iniciou um novo périplo mundial de seis meses que o levou, através de todos os continentes, da Alemanha até ao Havai. A singularidade desta viagem foi o facto de ter conseguido chegar ao seu destino exótico, designadamente a uma casa habitável nesse local, tendo partido apenas com uma maçã que foi sucessivamente trocando por outros bens e serviços até alcançar o referido objetivo. Também esta sensacional aventura deu origem tanto a um livro, *Wigges Tauschrausch. Um die Welt für ein Haus* (2012) [A embriaguez da troca. À volta do mundo por uma casa], como a uma série televisiva com o título homólogo. Mais recentemente, estas publicações impressas e

audiovisuais contaram, tal como no caso da anterior viagem, com traduções inglesas tentando-se, por conseguinte, captar um público internacional.<sup>5</sup>

Curiosamente – ou não, se levarmos em consideração a inextrincável interseção das dimensões do global e do local exposta atrás –, depois das suas espetaculares viagens em torno do globo, o mediático aventureiro Michael Wigge voltou à sua terra natal para a percorrer ao longo de 2.500 quilómetros e de 81 dias, portanto mais um do que as famosas figuras literárias de viajantes Phileas Fogg e Jean Passepartout inventadas por Jules Verne precisaram para dar a volta ao mundo em pleno século XIX. Mas em vez de recorrer como esses aos mais diversos meios de transporte proporcionados pela revolução industrial e a evolução da tecnologia, o nosso viajante do século XXI opta por uma trotinete não motorizada, que é o meio de locomoção mecânico mais lento que conseguiu imaginar. Portanto, também esta viagem se reveste, tal como as duas anteriores aqui tratadas, duma notória vontade de exploração do microcosmos local com recurso a meios de mobilidade vincadamente desacelerados.



Itinerário percorrido de trotinete por Michael Wigge (2013: 9)

Como seria de esperar, o respetivo relato, publicado em 2013, quer em livro quer sob a forma duma narrativa audiovisual em DVD, com o mesmo título *Auf dem Tretrroller durch Deutschland. 2473 Kilometer im Schnecken tempo* [Através na Alemanha a trotinete. 2473 quilómetros à velocidade de caracol], está imbuído dum tom e espírito deveras cómico. Nele, o autor não só revela um agudo sentido de autoironia pessoal e coletiva, como é capaz de surpreender o leitor/espetador com os mais curiosos costumes e os mais peculiares traços de determinadas comunidades sociais e regionais numa Alemanha supostamente uniforme, homogeneizada pela chamada globalização. Desde o carvalho mais antigo e da torre mais torta da Alemanha, a descoberta da localidade aparentemente mais exótica da Alemanha, situada na costa do Mar Báltico, onde determinados bairros se chamam "Brasil" ou "Califórnia", passando pelo convívio com os membros duma associação de inventores dos mais estranhos artefactos e dum clube de campeões mundiais dos barbudos, até ao encontro com um conselheiro de OVNI's que mantém um *site* e uma *hotline* telefónica para responder aos "40 % dos alemães que acreditam em extraterrestres" (Wigge 2013: 196), muitas são pois as curiosidades esperada e inesperadamente, típica e atipicamente alemãs relatadas por Wigge.

Para voltarmos às considerações de Siegfried Kracauer expostas no início deste artigo, designadamente no que se refere à "relativização do exótico" induzida pelas "comodidades civilizacionais" ao nível dos transportes e dos média telemáticos e à conseqüente criação de simulacros de espaços exóticos, veja-se o seguinte episódio do livro de Wigge, que me parece refletir paradigmaticamente a relação dialética entre as dimensões do global e local sintetizada por Roland Robertson no conceito de "glocalização". A poucos quilómetros da mítica "cidade mais alemã" de Heidelberg, o narrador fica alojado no "Hotel Hip-Hop" que

rapidamente se revela mais do que um mero hotel. Consiste em 27 quartos distintos, respetivamente alusivos a determinado tema duma cidade ou país. Eu durmo por exemplo no quarto Cairo onde, sobre a minha cama, há uma estátua duma esfinge no seu trono e de resto tudo se assemelha ao Cairo. Também existe um quarto Paris, um quarto Nova Iorque, uma cabana de montanha suíça ou um

quarto Havana, aposentos esses que nos dão a maravilhosa possibilidade de nos distanciarmos em sonho da estereotipada Heidelberg alemã. A proprietária, a dona Kischka, explica-me que gosta de mostrar o mundo aos viajantes, sobretudo agora que ele está cada vez mais a fundir-se devido à globalização.

E de repente encontro-me no quarto das Caraíbas e nem quero acreditar: as paredes estão naturalmente adornadas com motivos de palmeiras, mas no chão foram adicionalmente espalhadas duas toneladas de areia, de modo a dar a tudo um aspeto mais genuíno. (*Idem*, 200s)

Face a este jogo de simulações do exótico, que assenta obviamente em clichés nacionais ou regionais, o experimentado "repórter de viagens" feitas pelos quatro cantos do mundo impõe-se a si mesmo o desafio de vendar os seus olhos e tentar reconhecer os respetivos temas apenas por via do sentido tátil e olfático. Vencido o desafio, chega à conclusão de que afinal "o sentido visual é largamente sobreavaliado. Ainda assim, é um verdadeiro reconforto poder voltar ao meu próprio quarto e deitar-me à frente da televisão ..." (*idem*: 201s).

Apesar do tom deveras humorístico e da dimensão cómica de que todo este relato da peculiar "home tour" de Wigge está imbuído, também aqui se constata de certo modo, tal como nos dois livros de viagens expostos atrás, uma mudança de paradigma da viagem do plano da extensão para o da intensidade, duma maior valorização dos efeitos dos meios de locomoção e de perceção sobre a vivência em si da viagem. No entanto, se no caso de Büscher e Schröter o despertar do interesse pela dimensão local e pelo fenómeno da lentidão parece consubstanciar-se sobretudo como uma reação à globalização e à aceleração, o périplo de Wigge *não* representa um contraprograma, uma nova *Weltschauung* de cariz filosófico em busca de experiências autênticas, pretensamente imediatas, ou seja, não filtradas pelos meios de transporte e de comunicação da hipermobilidade e hipermedialidade dos nossos tempos. Como personagem que vive – por assim dizer – quer da indústria dos média e do mediatismo, quer da sua mobilidade global, Wigge considera a experiência do local e a narrativa textual em livro *não* como a única alternativa à generalizada apetência pelo global e à representação hipermedial, mas apenas uma entre muitas outras formas possíveis da própria viagem. Como se verá pelo final do seu relato em livro, em que no fim de cada capítulo há um código cuja leitura digital por um

telemóvel ou computador com ligação à internet permite aceder ao respetivo episódio num *clip* de vídeo *online*, Wigge (2013: 251) não só preza como incentiva a prática da complementariedade e interseção das dimensões do local e do global, dos meios impressos e audiovisuais, do analógico e digital.

Caros leitores,

espero que a leitura deste livro tenha sido divertida e interessante e vos tenha inspirado para viajar. Tanto faz se viajam pelo mundo, pela Alemanha ou simplesmente pela casa do vosso vizinho: em todo lado há uma quantidade incrível de coisas a descobrir, o que é preciso é pôr-se a caminho. (...) Se ficaram com mais vontade de Wigge, cliquem simplesmente em mim no Facebook. Até uma próxima!

O vosso Wigge

## Conclusão

O três relatos de viagens aqui abordados representam, em suma, apenas alguns exemplos paradigmáticos, entre muitos outros possíveis, que contrariam uma certa "necrológica" que, pelo menos desde há um século, tem contribuído para engrossar o coro de lamentações acerca do suposto fim das "verdadeiras viagens" e, por conseguinte, da alegada morte da "boa velha literatura de viagens".<sup>6</sup> Ao contrário desse vaticínio extremamente pessimista que é partilhado por muitos poetas e pensadores da viagem e que, curiosamente, também se auto-reflete no próprio género da literatura de viagens, na medida em que "travel and its literary by-product, the travel book, have a habit of justifying their continuation by anticipating their own decline" (Holland/Huggan 2000: 1), a evolução dos meios de mobilidade e comunicação a que já Kracauer se referia não ditou nem o fim da deslocação física em si nem das narrativas de viagem. Ainda que os relatos aqui analisados possam ser lidos como uma reação à inegável tendência duma vertiginosa aceleração e progressiva homogeneização do mundo, certo é que nenhum destes três autores cai na armadilha de desenvolver um ingénuo patriotismo – e muito menos, um nacionalismo chauvinista – durante as suas explorações desaceleradas duma peculiar dimensão exótica

dentro dos confins duma *intraculturalidade* que denota tudo menos uniformidade. Se bem que os três viajantes-narradores façam, cada um à sua maneira, um elogio à lentidão como uma nova forma de perceber e re-avaliar a multifacetada realidade de determinada cultura nacional, facto é que as suas narrativas não refletem a tal "ideology of home" a que Robertson se refere nem invocam qualquer apetência pela "cultura genuína e autêntica" que informa subliminarmente os discursos dum novo nacionalismo, o qual, nos últimos anos, tende a reemergir e que certamente também encontrará a sua expressão num determinado segmento da literatura sobre "home tours". Mas esta já seria uma outra variante de "viagens domésticas" que certamente também mereceria um estudo atento.

## Bibliografia

Büscher, Wolfgang (2005), *Deutschland, eine Reise*, Berlin, Rowohlt.

Holland, Patrick/Huggan, Graham (2000), *Tourists with Typewriters. Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*, Michigan, University Press.

Korte, Barbara (2000), *English Travel Writing. From Pilgrimages to Postcolonial Explorations*, Hampshire & New York, Palgrave.

Kracauer, Siegfried (1977), "Die Reise und der Tanz", in Siegfried Kracauer, *Das Ornament der Masse. Essays*, Frankfurt am Main, Suhrkamp: 40-49. [1925]

Matos, Mário (2006), "Figurações da viagem e do viajante: do «maldito turista» ao «cosmopolita doméstico»", in Ana Gabriela Macedo/Maria Eduarda Keating (Org.), *Novos Cosmopolitismos. Identidades Híbridas*. Braga, Centro de Estudos Humanísticos/Edições Húmus: 131-147.

-- (2009) "«Der joy stick hat den Wanderstab ersetzt«!? Erzählen vom Reisen in hypermedialen Zeiten", in *Testi e linguaggi. Rivista del Dipartimento di Studi Linguistici e*

*Letterari dell'Università di Salerno*, 3/2009, [nº temático: Letteratura e altri saperi]: 137-154.

Robertson, Roland (1995), "Glocalization: Time-Space and Homogeneity-Heterogeneity", in Mike Featherstone *et al.* (eds.), *Global Modernities*, London, Sage: 25-44.

Schröter, Lorenz (2002), *Mein Esel Bella oder Wie ich durch Deutschland zog*, Hamburg: Rotbuch.

Wigge, Michael (2013), *Auf dem Tretrroller durch Deutschland. 2473 Kilometer im Schnecken tempo*, München, Piper Verlag.

Virilio, Paul (1993), *A Inércia Polar*. Lisboa, Dom Quixote. [Tradução de Ana Luísa Faria; ed. original: 1990].

-- (2000), *A Velocidade de Libertação*, Lisboa, Relógio D'Água. [Tradução de Edmundo Cordeiro].

**Internet:**

<http://www.howtotraveltheworldforfree.com>

<http://www.pichuproductions.de>

**Mário Matos** é licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Franceses e Alemães), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1989). Tem uma especialização em Estudos da Tradução: Português – Alemão, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1991). Mestrado em Estudos Alemães: Literatura e Cultura, pela Universidade Nova de Lisboa (1997), com uma dissertação sobre "As viagens marítimas da organização nazi Kraft durch Freude a Portugal (1935-1939): turismo, literatura e propaganda". Doutoramento em Ciências da Cultura (Área de Conhecimento: Cultura Alemã), pela Universidade do Minho (2007), com uma dissertação intitulada de "Postigos para o Mundo: reflexões em torno do turismo e dos livros de viagens na RDA (1949-1989/90)".

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Todas as traduções do alemão são da minha autoria.

<sup>2</sup> Para a tradição das "viagens domésticas", por exemplo na Grã-Bretanha, veja-se Korte (2000: 66-81).

<sup>3</sup> Entretanto, Büscher continua fiel às suas viagens pedestres e também já publicou um relato sobre a sua caminhada norte-americana, em que percorreu os Estados Unidos, no seu eixo central, desde a fronteira com o Canadá até ao sul onde confina com o México. O relato dessa viagem saiu em 2012, pela editora Rowohlt, e tem o título *Hartland. Zu Fuß durch Amerika*.

<sup>4</sup> Ver o seu *blog*, em alemão e inglês: <http://www.pichuproductions.de>. A estratégia do *marketing* internacional e da complementariedade medial dos projetos de Wigge consiste também num site comercial em inglês que pode ser aceso em: <http://www.howtotraveltheworldforfree.com>.

<sup>5</sup> Os respetivos títulos em inglês, ambos publicados em Nova Iorque pela editora Skyhorse Publishing, são *How to Travel the World for Free: One Man, 150 Days, Eleven Countries, No Money!* (2013) e *How to Barter for Paradise: My Journey through 14 Countries, Trading Up from an Apple to a House in Hawaii* (2014).

<sup>6</sup> Sobre a longevidade deste discurso "necro-lógico" sobre a viagem, veja-se Matos (2006 e 2009).